

DO CURRÍCULO ÀS SÉRIES FINAIS: ELEMENTOS PARA REFLEXÃO

ÉRICO LOPES ANÇA¹; Dr^a CRISTHIANNY BENTO BARREIRO²

¹IFSUL – Pelotas – ericoanca@gmail.com

²IFSul – Pelotas – crisbbarreiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Há alguns anos tenho desempenhado trabalho docente, como professor da disciplina de História, em séries finais do Ensino Fundamental, em Escolas Públicas municipais e estaduais da cidade de Pelotas e do estado do Rio Grande do Sul. Entre práticas e vivências escolares que me conduzem muitas vezes à “flor da pele”, encontrei, no Programa de Mestrado espaço para desenvolvimento desta pesquisa, local em que se entrecruzam e se atravessam as inquietações, as reflexões, as angústias intelectuais e, por que não, as potencialidades destes aprendizados, sempre inacabados, porém pontuais circunstancialmente.

Já nos primeiros anos como professor provocou-me estranhamento as quintas séries, hoje sextos anos, o que pouco a pouco fui sistematizando em meu pensar em termos de problematização, possibilidades, e não parei mais. O que encontrei ali, desde o começo de minha docência, impingia-me a buscar soluções, a agir e a pensar, ou então a camuflar, encobrir, não fazer ou fazer que fazia. Se mais maduro hoje em relação aos limites de minhas soluções possíveis, sinto-me convicto, por outro lado, da importância de meu *pensar* e de meu *agir*.

As questões relacionadas aos sextos anos possibilitam – ou exigem – pensar e pesquisar as várias dimensões da escola e da educação, possam ser elas históricas, econômicas, políticas, sociais, culturais, coletivas e/ou individuais. Que questões são essas? Reside aí a importância de encontrar-me dentro da sala de aula, no trânsito entre o tirocínio docente e os enfrentamentos inevitáveis inerentes ao exercício responsável desta profissão.

Tenho encontrado escolas “recheadas” de sextos anos, algumas com mais turmas de sextos anos do que sétimos, oitavos e nonos anos, somadas. Turmas de sextos anos com número de alunos sempre superior aos demais anos. Estudantes com diferenças idade/série, desestimulados e beirando o abandono da escola. Professores em “queixas” e “fugas” constantes de sextos anos fazem parte também de meu cotidiano.

Passo, então, a partir do ingresso a este Programa de Mestrado, à pesquisa e sistematização dessas reflexões, na ousada busca de tentar captar o que possa estar ocorrendo para que encontremos, internamente à estrutura de Ensino Fundamental no Brasil, essa possível barreira, que há apartado as séries iniciais das séries finais, localizando-se no sexto ano. E que, à medida que essa barreira possa ser realmente diagnosticada, reconhecida como um problema a ser enfrentado, contribuam estas pesquisas para compreensão acerca de sua gênese, constituição e efeitos, preferencialmente podendo contribuir também para superação desse possível obstáculo.

O problema, mais objetivamente falando, o alto índice de reprovação nos sextos anos. Os objetivos, compreender as dimensões sócio-histórico-educativas que possam ter relação com a constituição da passagem do currículo para área enquanto um obstáculo na estrutura de Ensino Fundamental no Brasil; captar os elementos da cultura escolar contemporânea que possam estar contribuindo para manutenção desta dicotomia séries iniciais/séries finais, ou seja, para sustentação dessa barreira, desse obstáculo, ou colaborando na conservação desta dualidade;

descrever efeitos perceptíveis quando desta passagem, internamente à Escola, à classe, aos estudantes que vivenciam dadas circunstâncias e profissionais da educação que, conscientes ou não, atuam naquele momento.

2. METODOLOGIA E DISCUSSÃO

Para pensar essas questões, far-se-á uma investigação qualitativa, segundo pressupostos sugeridos por Bogdan e Biklen (1994).

Começara as investigações por um viés histórico – já tendo levantado dados quantitativos que permitiam ver que há altos índices de reprovação em sextos anos tanto a nível local, como nacional –, buscando identificar, ao longo da História da Educação no Brasil, mediante exame de documentos, Leis e revisão bibliográfica, *se e como* possa ter se constituído uma dicotomia entre séries iniciais e séries finais no Ensino Fundamental. Essas inquirições resultaram em trabalhos, apresentados em sessões de comunicação e publicados em Anais de eventos.

Nesses trabalhos privilegiamos a análise de aspectos históricos, que contribuíssem para compreensão sobre como havia se constituído esta estrutura que chamamos hoje de Ensino Fundamental, resultado, ao que temos concluído, de um longo processo histórico, em que se entrecruzaram aspectos da economia, da política e da cultura brasileira, desde a educação colonial jesuítica, passando pelas políticas Pombalinas do final do século XVIII, tomando um caminho que distanciaria uma educação elementar – oferecida em um âmbito mais amplo – e uma educação mais sofisticada – reservada às elites. Caminho este que parece intensificar-se no decorrer do período Monárquico da História do Brasil e que deixará marcas que permanecerão mesmo quando da chegada da educação secular, com suas propostas de universalização e gratuidade na primeira metade do século XX, ou mesmo quando das propostas mais críticas da Nova Escola, ou da regulamentação via Leis de Diretrizes e Base da Educação, estas já na segunda metade do século XX.

Nesta linha de conclusões, que indicariam que a constituição histórica da cultura escolar brasileira haveria produzido uma dicotomia entre educação elementar – o que considero as séries iniciais atualmente – e um segundo nível – hoje séries finais do Ensino Fundamental – conduzindo a uma bipartição, descontinuidade, impondo obstáculos ao que seria o trânsito ou evolução linear dos estudantes, foram importantes os estudos de SOUZA (2008).

Os estudos de ROMANELLI (2012), clássicos em se tratando da História da Educação no Brasil, ainda que caminhando por vertente teórica diversa deste último citado, também contribuíram nesta linha de compreensão

Já foi realizado, ainda, o Estado da Arte, ou mesmo, o Estado do Conhecimento (ROMANOWSKI, 2006), como alguns autores preferem, a partir de teses e dissertações, dos últimos dez anos, que também contemplou algum material bibliográfico, que aborda a questão. Esta seção da pesquisa demonstra que a reprovação nas quintas séries (sextos anos) é um problema que se estende pelo país, evidenciado diversos fatores que vem sendo estudados como importantes para a compreensão do problema.

Embora os direcionamentos das investigações bibliográficas e documentais apontem para a percepção do problema de altos índices de reprovação em sextos anos enquanto questão não apenas circunstancial, mas como uma cultura historicamente constituída, repousará, neste momento, esta perspectiva até aqui desenvolvida, que privilegiava a compreensão da constituição histórica desta possível barreira existente entre currículo e área na Estrutura de Ensino

Fundamental no Brasil. Atento, neste momento, às vivências e potencialidades reflexivas que possam elas instigar. Ou seja, transitarei para o hoje, para observação e exame de material já coletado, neste primeiro terço letivo do ano de 2014, em meio a três sextos anos de Escola Pública da rede estadual gaúcha, localizada na cidade de Pelotas.

O caminho – ou estratégia de investigação qualitativa – que me parece pertinente para encontrar rastros que me deem suporte a um aperfeiçoamento do olhar sobre a transição das séries iniciais para as séries finais é a observação participante. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 16) aqui “O investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar.” De forma a poder avaliar mais densamente o que possa estar gerando aproveitamento escolar insuficiente, quando da passagem dos anos iniciais para os anos finais do Ensino fundamental, está sendo realizado este acompanhamento a turmas de sextos anos, em Escola Pública de Pelotas. Para GATTI e ANDRÉ (2012, p. 32) “Os acontecimentos de sala de aula só podem ser entendidos no contexto em que ocorrem e são permeados por uma multiplicidade de significados (...)”. Tenho convicção, neste momento de debate em termos de modelos e perspectivas para produção de conhecimento, que, neste caso – nesta seção da pesquisa –, a aproximação proporcionará mais lucidez do que o distanciamento. Neste sentido corroboram LUDKE e ANDRÉ (1986).

A coleta tem sido realizada através de diário de campo, com registros, anotações e descrições de passagens ocorridas em sala de aula, naqueles três sextos anos, à medida que ministro a disciplina de História naquela Escola. Foi a metodologia encontrada, mediante o debate com outros cinco pesquisadores da área da educação, envolvidos com avaliação e orientação desta pesquisa. A opção se deu principalmente em virtude da riqueza reflexiva potencial da experiência docente direta em meio ao objeto de pesquisa. Subverte-se, de alguma maneira, as prerrogativas metódicas da ciência moderna para privilegiar o que possa resultar do contado direto entre investigador e objeto de investigação.

Os estudantes destas três turmas de sextos anos de Escola Pública da Rede Estadual do Município de Pelotas/RS responderam também a um questionário prévio, em que busquei a coleta de algumas informações consideradas pertinentes para avaliação, como idade, migração escolar, número de reprovações ou não, em que anos ocorreram as reprovações, história de vida escolar desses educandos, expectativas e experiências escolares. Indiretamente este instrumento permitiu-me captar ainda aspectos acerca do nível de alfabetização desses estudantes de sextos anos, percepções que também fazem “acender alerta”.

3. RESULTADOS E CONCLUSÕES

Ainda que não concluída, a pesquisa apresenta alguns resultados preliminares:

1) A pesquisa histórica evidencia que a dualidade estrutural vivenciada no interior do Ensino Fundamental, séries finais e séries iniciais, pode ter tido sua constituição na própria história da educação do país;

2) A pesquisa realizada em teses e dissertações demonstra que a reprovação nas quintas séries (sextos anos) é um problema que estende pelo país, evidenciado diversos fatores que vem sendo estudados como importantes para a compreensão do problemas;

3) Através da observação participante, já é possível considerar diversos aspectos como pertinentes para compreensão do fenômeno, que não estavam

presentes na bibliografia analisada, tais como: há o que tenho chamado de “inconvenientes da rotina escolar”, que são diversos, de diferentes dimensões, não generalizáveis, que produzem reações diversas, em diferentes ambientes escolares e que podem estar atuando naquela etapa e provocando estranhamento ou atrapalhando os educandos; há uma “variável alfabética” que pode estar servindo, *a priori*, para estabelecer rótulos pejorativos que anteciparão ou definirão as possibilidades de desenvolvimento de cada educando; não há afinidade ou coerência, perceptível, entre o trabalho realizado no currículo e o trabalho dos professores de áreas; a percepção e ação familiar, no que tange ao desenvolvimento dos jovens quando da chegada a esta etapa – pré-adolescência/adolescência – pode ter relação com a oferta de uma maior autonomia a esses jovens, o que poderá, conseqüentemente, estar repercutindo na forma como eles passam a encarar a educação escolar, com a maneira como eles definirão suas prioridades, com a configuração que darão a suas necessidades, potencializando com que deixem a educação escolar em um segundo plano; aliado a falta de tempo dos professores e ao grande número de estudantes nas turmas, está a falta de diálogo e informação acerca da realidade que encontrarão os estudantes a partir daquela etapa de sua educação escolar; o alto índice de reprovação em sextos anos, poderia ter relação, entre outras coisas, com a migração escolar, que alargaria o estranhamento provocado pela passagem da unidocência para pluridocência, em virtude de uma mudança radical de ambiente escolar.

Todos estes aspectos serão trabalhados no próximo passo da pesquisa, que pretende submeter os dados à Análise de Conteúdo BARDIN (1977) e Moraes (1999) ou à Análise Textual Discursiva MORAES e GALLIAZZI (2011), o que nos proporcionará uma lucidez maior sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Portugal: 70, 1977.
- BOGDAN, R. C.; BLIKEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.
- GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, W. e PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação. Teoria e prática**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MORAES, R. e GALLIAZZI, M.C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 37 ed. 2012.
- ROMANOWSKI, J. P. ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v 6, n 19, p. 37-50 sept.-dic, 2006.
- SOUZA, R. F. de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo e do currículo no século XX: (ensino primário e secundário no Brasil)**. São Paulo: Cortez, 2008.